

## Um contributo para “desocultar” o percurso da educação multi/intercultural na formação inicial de professores

ENTREVISTA a Luís Souta

ANA PIRES SEQUEIRA

ana.sequeira@ese.ips.pt

ESE do Instituto Politécnico de Setúbal

### Resumo

Perceber como a Educação Multi/Intercultural “surgiu” na vida do entrevistado e como este percecionou a importância da sua inclusão na formação inicial de professores foi o “mote” para uma entrevista a Luís Souta, docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, e, um dos responsáveis, nesta instituição, por a temática ser objeto de estudo.

O entrevistado aceitou a conosco partilhar um pouco da sua “história” pessoal e profissional que se prende com a criação das escolas superiores de educação e com a emergência da Educação Multi/Intercultural na formação inicial de professores.

**APS** A iniciar esta nossa conversa quero, desde já, agradecer-te por acederes a ser entrevistado.

**LS** Não precisas de agradecer, é com todo o prazer que o faço.

**APS** Sabendo que a tua formação de base é Antropologia e que tens participado, desde há vários anos, em projetos no âmbito da Educação Multi/Intercultural, gostaria que situasses esse teu interesse face às

experiências do mestrado que frequentaste nos Estados Unidos e o início da Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE de Setúbal).

**LS** Para os Estados Unidos fomos 120. Eram todas as áreas das didáticas, mais a Análise Social da Educação. Quando fomos para os Estados Unidos, íamos já com as escolas adstritas (rede de ESE, na altura, integrada no chamado Ensino Superior de curta duração), e

Setúbal não entrou no concurso. A ESE de Setúbal fazia parte da 3ª fase, porque não tinha Escola do Magistério Primário, nem Escola Normal de Educadores de Infância para reconverter.



Momento da entrevista 1

**APS** Recordo que era a única capital de distrito que não tinha magistério.

**LS** Exatamente. Era a única, as outras tinham ou universidades (novas), era o caso de Aveiro, do Minho e de Évora, ou, o nosso caso, o único distrito que de facto não tinha nada. Era a lógica da proximidade com Lisboa que, neste caso, nunca nos foi favorável.

**APS** Ou então as políticas de antes do 25 de Abril que achavam que isto era uma zona... a esquecer!

**LS** Exatamente! Mas isto já foi tudo depois do 25 de Abril (RISOS), com o bloco central no governo. Era um grupo muito grande, 120 como disse; eram, de facto, outros tempos. Nós íamos fazer uma parte do mestrado nos Estados Unidos para uma coisa que hoje toda a gente faz, que é ir ao Google e fazer pesquisas bibliográficas. Mas, na altura, não havia e, portanto, a nossa ida à América era fundamentalmente para fazer as pesquisas bibliográficas em computador, não existia computador por cá. O primeiro computador que nós vimos foi aqui, em 1984, em Lisboa, ainda. Portanto, era fundamentalmente isso. Vê lá como isto mudou tanto em tão pouco tempo, não é? Fundamentalmente era isso e ver escolas, naturalmente. Ver trabalho de terreno, foi aí que vimos tudo o que era Kindergarden, escolas de 1º e 2º ciclo, porque íamos formar para aquilo que era o Ensino Básico, na altura, de seis anos. E foi, fundamentalmente, essa a experiência. E foi lá que entrei em contacto com a Educação Multicultural e quando vim trouxe uma série de literatura já relacionada com isso. Depois desenvolvi mais esse trabalho quando começámos aqui, em 1989, a trabalhar nas ESE, na ligação que tínhamos com o professor Don Davies e a professora Vivian Jonhson, porque havia os protocolos com a Universidade de Boston (Estados

Unidos). E aí sim, aí é que essas coisas foram levadas mais em profundidade, principalmente na relação escola-famílias, que era a componente por nós trabalhada. A minha formação de Antropologia marcou muito para isto, não tenho a menor dúvida! O curso de Antropologia aponta sempre para a diversidade, para estudar o outro, portanto a única questão que me faltava na licenciatura, era a componente educativa, que vim a ter no mestrado. A partir daí começou a fazer muito sentido o cruzamento destas duas áreas, era normalíssimo que isso acontecesse. No entanto, no mestrado, nem nos Estados Unidos, essa temática foi abordada; era muito precoce ainda. Havia alguma gente a escrever, mas era muito recente. No meu mestrado não tocámos nada sobre as questões da Educação Multicultural, curioso! No entanto, aqui, começámos logo no 1º ano dos cursos de formação inicial.

**APS** Mas já tens obras do Banks dessa época.

**LS** Sim, exatamente. Havia gente a refletir sobre isso, mas, em alguns nichos académicos, não era o que se passava nos Estados Unidos quando lá voltei, no desenvolvimento dos projetos, com o professor Don Davies. Quando fazia pesquisas bibliográficas e punha a referência Educação Multicultural, já me apareciam centenas de

referências, e as escolas já trabalhavam isso na formação de professores. Uma das minhas coorientadoras era a professora Vivian Jonhson, negra americana, casada com um professor negro do MIT. Portanto uma pessoa implantadíssima na comunidade negra e ela própria trabalharia nisso, finais dos anos 80, princípios dos anos 90. Nós, aqui, introduzimos isso na formação inicial, na ESE, logo no primeiro ano.

**APS** Quando dizes que introduziste logo isso, é logo no primeiro ano dos cursos aqui na escola?

**LS** No primeiro ano, exatamente, em 1987. Nós começámos um ano mais tarde que as outras ESE. Entretanto, o grupo das Ciências Sociais, que reunia com regularidade, e depois do mestrado continuámos a ter reuniões conjuntas, preparámos o plano de estudos muito em conjunto. Havia um trabalho muito interessante, nessa altura, em termos coletivos, éramos doze.

**APS** Quando trabalhavam nos planos de estudo, era para a escola a que estavam ligados?

**LS** Exatamente, para a escola de cada um. Éramos doze, havia um dos Açores, e, portanto, cobríamos todas as ESE. Havia áreas que não cobriam todas as ESE, esta cobria. Lembro-me que, ainda, fizemos

um primeiro encontro, que o nosso colega Couto Soares organizou, entretanto, já falecido, era um homem de Psicologia, muito curioso, um homem brilhante, que fez um encontro no Porto, na Fundação Engenheiro António Almeida, lembro-me porque fiz uma comunicação para lá, e era esse grupo que preparava, teve tempo para isso.

Esse seminário foi muito, muito interessante. Depois fizemos outro em Viana do Castelo, daqueles de que eu me lembro. Foram muito, muito importantes. Depois, perdeu-se essa dinâmica desse trabalho conjunto. Era uma altura em que nós conseguíamos perceber o que era que cada pessoa andava a fazer.

**APS** Essas pessoas ainda continuam nas ESE? Tens alguma ideia?

**LS** Acho que quase todas, neste momento, estão reformadas. Passados uns tempos deixámos de reunir. As escolas nunca viram com muito bons olhos os nossos encontros. Isto é um processo muito interessante! As escolas queriam-se demarcar do modelo do Magistério em que os currículos eram nacionais. E, portanto, essa ideia de cada escola ter o seu currículo (como as universidades), marcou muito o arranque das ESE. E, quando, nós regressámos, apesar do corpo docente, fundamentalmente, ter sido formado nas

mesmas instituições, ou seja, na Universidade de Boston, cá na Universidade do Minho e FMH, o principal grupo era da Universidade de Boston (120). Houve outro que foi para a Universidade de Bordéus (os CAFOPs), esses fizeram o terceiro ciclo. Sei que nos primeiros anos incentivaram as nossas reuniões, pagavam ajudas de custo. Gradualmente, a questão do “ser diferente da vizinha” foi ganhando terreno. E isso foi o mal, ou seja, as escolas não perceberam que estavam a cavar o princípio da sua própria sepultura. Ao querer isolar-se, a querer mostrar que eram diferentes dos outros, quando devia ser ao contrário, que era aquilo que eu sempre achei muito interessante nesta rede de ESE (s), apesar de ser uma rede sobredimensionada para as necessidades do país; hoje isso é evidente, na altura, não era tanto, mas era a primeira vez que a formação de professores passava para o Ensino Superior, e isso era fundamental. Mas, por outro lado, havia sempre a universidade, com a sua sombra tutelar, com o seu desejo do abraço de urso, não é? Se nos abraçassem, matavam-nos, estrangulavam-nos, e, então, nós não conseguimos perceber que a nossa forma de fazer concorrência, ou de nos impormos, era o contrário, era mostrar que essas ESE (s) faziam um grande bloco, que era um grande grupo! Só tiveram essa noção quando começaram a ser

tão atacadas, tão atacadas que levaram à criação da ARIPESE. Isso já foi na fase do medo, do desespero.

**APS** E, para além disso, se vocês, nesses grupos, debatiam, construíam, pensavam para as respetivas escolas só estavam a contribuir para um currículo mais enriquecedor, não?

**LS** Pois... era um grupo muito interessante. Eu não sei quais foram os critérios de seleção, em termos genéricos. Houve dois concursos, o primeiro teve de ser anulado, porque os professores da “velha guarda”, tinham sido afastados, reclamaram e ganharam. O concurso teve de ser repetido. Eu, no primeiro concurso, tinha ficado ligado à ESE de Lisboa. No segundo, fui para Beja, era o segundo maior grupo. Fizemos o mestrado já sabendo qual a nossa futura ESE. Setúbal, então, nada. Setúbal aparece mais ao mesmo tempo que Beja; é um “negócio” do bloco central. Dá-se uma comissão instaladora em Beja, dando aqui a contrapartida para Setúbal. O Presidente da CI era um homem que vinha do liceu, que tinha sido professor do João Deus Pinheiro, um homem de direita, conservador, os outros eram pessoas ligadas ao PSD ou à Mocidade Portuguesa e, portanto, o contraponto foi dar, a de Setúbal, à esquerda democrática, socialista!

Portanto, esse grupo era muito interessante porque não só cobria todo o país, havia um em cada ESE, como já disse, ao contrário de outras áreas. Por outro lado, provinhamos de áreas diferenciadas. Nesse grupo, eu e o Carlos Cardoso éramos de Antropologia, havia um de Psicologia, Couto Soares, muitos ligados à História, era o grupo maior, Céu Roldão, Natércio Afonso, Fátima Neves, Isabel Barca, Maria do Sameiro, José Manuel Silva, Antas de Barros, Vara Branco, Gomes Dias, e de Filosofia, António Lopes e Conceição Vilhena, o que dava uma diversidade muito curiosa àquele grupo, e que nos marcou. Achámos sempre que as Ciências Sociais eram um cruzamento destas áreas. Não conseguimos vingar isso. Não conseguimos, falhanço nosso, completo!

Na altura, ainda havia Ciências Sociais no Ensino Básico, no 5º ano (Estudos Sociais), mas desapareceu. O que ficou foi o que sempre vivemos em Portugal, Ciências Sociais igual e História e Geografia de Portugal. E, depois, no secundário lá há umas sociologias, umas economias. Introdução à Política desapareceu. Foi uma experiência apenas sempre associada ao 25 de Abril, ao PREC, achavam que só nessa altura é que isso era preciso. Portanto, Ciências Sociais como um todo nunca foi vista com um sentido global. O que é que nos

salvava um pouco? Nessa altura, era o Meio Físico e Social, que era a designação do 1º ciclo, era uma conjugação muito curiosa! E, depois no 2º ciclo, no programa de Estudos Sociais feito pelo Vitorino Magalhães Godinho, onde se dizia explicitamente que se pretendia uma visão antropológica da sociedade. Portanto, esses dois espaços davam-nos margem para esse cruzamento interdisciplinar, que falhou! Hoje temos a História e Geografia de Portugal. Portanto, hoje, não há didática das Ciências Sociais e o que se faz aí é a didática da História, a didática da Geografia, ou seja, didática... disciplinar.

Deixa-me fazer só um pequeno parêntesis, pois o curioso é que se tenha essa opção quando um dos colegas do grupo de Boston está no governo, o Valter Lemos (Secretário de Estado da Ministra da Educação Maria Lurdes Rodrigues). É curioso, não é? Um homem das Ciências da Natureza, o homem na lógica do Meio Físico e Social (MFS). E, quando está no governo faz essa proposta de “História e Geografia de Portugal”, curioso, não é? Alguém devia fazer a história deste processo. De facto, a história tem muito a ver com as pessoas concretas também, não é? Mas nunca houve um contexto muito forte. Hoje, o Ensino Superior dispõe de muitos cursos de Ciências Sociais (são cursos mais fáceis, mais baratos, de papel e lápis). Portanto hoje

há muita gente, no Ensino Superior, nas Ciências Sociais, mas o nosso Ensino Básico e Secundário continua a olhar para o umbigo da História e da Geografia. Se me perguntarem o balanço sobre aquilo em que nós fomos preparados para introduzir mudanças, algumas ruturas no ensino, eu acho que foi um falhanço rotundo neste domínio. **APS** Já me disseste estares ligado às escolas superiores de educação desde o início, e aqui, na escola, também, desde o início. Gostaria que me referisses qual o teu percurso aqui na escola.

**LS** Vim para cá para coordenar, na altura, em 1986 o núcleo (o correspondente aos atuais departamentos) de Meio Físico e Social. Era o núcleo maior, tinha 18 pessoas. A escola arrancou não com formação inicial, mas com formação em serviço, e tinha muita gente do distrito, naturalmente. Havia muitos professores por profissionalizar. A Ana Bettencourt que era, na altura, a presidente da CI, tinha alguma dificuldade em por ordem naquela casa porque era, de facto, muita gente. A minha primeira função foi coordenar esse núcleo. Depois coordenei o outro, em 2004, chamava-se Ciência, Multiculturalidade e Desenvolvimento. Aí já consegui que a palavra multiculturalidade fosse explícita e clara. Agora, coordeno o departamento de Ciências Sociais e Pedagogia que é a junção do CMD

com o de Ciências da Educação. Fora isso, fui presidente do Conselho Científico, de 87 a 89, no seu 2º mandato, logo a seguir à Maria Emília Brederode Santos; fui o segundo presidente do Conselho Científico da escola, e fui presidente do Conselho Diretivo de 2005 a 2008.

**APS** Voltando à tua experiência de professor de formação inicial, nomeadamente nos cursos de professores do 1º ciclo, podes dizer-me como é que surgiram as questões da multiculturalidade e como é que as conseguiste introduzir nos currículos.

**LS** Tal como disse há pouco, isso começou a germinar já no mestrado trouxe alguma bibliografia, e naquele período em que nós não tivemos nada para fazer, pois o ministério não nos colocava nas ESE... deu tempo para ler, pensar, falar com os colegas muitas vezes, e foi aí que começou a surgir. Quando vim aqui para a ESE e começámos a trabalhar nos planos de estudo, era muito natural que tivesse vontade de introduzir isso nos planos de estudo. E quando começámos a trabalhar no tal núcleo de Meio Físico e Social, todas as disciplinas eram no regime de *team-teaching*. Eu trabalhava com a Teresa Oliveira, das Ciências da Natureza, que também tinha estado no mestrado em Boston, na área da Educação para a Ciência, portanto era muito simples aquele nosso cruzamento. Fui eu e ela que concebemos,

tanto no Pré-escolar como no 1º ciclo, o currículo das diferentes áreas de intervenção no MFS (mais pesado no 1º ciclo, mais leve no Pré-escolar).

**APS** Qual a razão de ser mais leve no Pré-escolar?

**LS** Porque achavam, na altura, e nós não conseguimos convencer aqui os nossos colegas. Achavam que o Pré-escolar era das expressões, portanto essa área era sobrevalorizada. O currículo era pesadíssimo, de facto, fraco nas áreas científicas (Ciências da Natureza, Matemática). Era, realmente, muito reduzido. Felizmente que houve alguém (Teresa Vasconcelos) que fez as Orientações Curriculares para o Pré-escolar, curiosamente no tempo da Ana Benavente. E, a partir daí, os nossos colegas mudaram um bocadinho, e ainda bem. Passou também a haver áreas de cariz científico no Pré-escolar.

**APS** Sim, porque havia aqui uma corrente na escola, que está muito mais atenuada, de que no Pré-escolar não havia necessidade de áreas de cariz científico como as designaste.

**LS** Exatamente. O que joga um pouco a desfavor; é como aqueles colegas que defendem tanto o ensino à distância que nem se dão conta que estão a matar a essência da profissão docente. Nós planeámos a intervenção para os três anos de bacharelato do Pré e do Pri.

Tínhamos, logo no 1º ano, uma disciplina onde aparecia explicitamente a educação multicultural, eram os “Contextos Educativos do Meio Físico e Social”. No 1º semestre era o “Conhecimento do Real”, centrada no conhecimento do distrito. Era a lógica da escola estar ligada ao distrito e que era preciso conhecer a região, conhecer o ambiente social e o ambiente natural pois, em princípio, aí iriam lecionar.

**APS** Já tinhas na altura, penso que já se chamavam assim, as “Actividades Interculturais”?

**LS** Apareceu mais à frente; esta era a lógica do regionalismo. Tínhamos de conhecer bem o distrito porque estávamos a formar para o distrito. Isto, hoje, faz-nos rir um bocado, não é? No 3º ano, eram as didáticas e aí começavam a aparecer trabalhos dos estudantes ligados à Educação Multicultural. Privilegiámos sempre a produção de materiais; que materiais produzir para a Educação Multicultural. Todas as disciplinas em regime de *team-teaching*. Portanto, os estudantes acabavam por escolher temas ligados à Educação Ambiental, à Educação Multicultural ou à Educação para a Cidadania. Eram estas as três grandes áreas fortes que tínhamos no currículo.

**APS** Posso considerar que o teu interesse pela temática emerge da Antropologia, e da ida para o mestrado nos Estados Unidos?

**LS** Sim, e o arranque das ESE (s). Ainda que, nessa altura, poucos tivessem apetência por esta área. Era uma área muito pouco falada; era eu e, um pouco mais tarde, o Carlos Cardoso.

**APS** Lembro-me de me teres dito há dois ou três dias que consideravas a nossa escola ter sido pioneira na introdução desta temática nos planos de estudo.

**LS** Eu acho que sim! Alguém, daqui a uns tempos, é capaz de fazer uma pesquisa exaustiva e demonstrar que eu estava errado. Não me importo nada de reconhecer que estava errado, mas não tenho essa prova empírica. A ideia que tenho é que foi a ESE de Setúbal, de facto, a primeira escola a introduzir esta componente, de uma forma explícita, nos seus programas. Não tenho a menor dúvida disso! Tanto isso era verdade, pois foi uma área de trabalho muito importante em mim, muitos textos que fazia andavam sempre à volta disso, era convidado para ir a sítios, que, acho, denotava isso mesmo. Por exemplo, fui muitas vezes aos mestrados coordenados pela saudosa Teresa Ambrósio da Universidade Nova (a FCT da Caparica), participei lá em várias edições dos mestrados de CE, especialização



de Educação e Desenvolvimento. No ISCTE, o professor Raul Iturra convidou-me, ainda eu não trabalhava com ele na APA, para dar uma opção dele – Antropologia da Educação; e também na Universidade Nova de Lisboa. Havia gente que me convidava, porque eles próprios, nesses locais, não tinham ninguém, sabiam que havia uma área nova, e normalmente os mestrados são os espaços para apresentar as áreas/correntes novas. E eu fiz, várias vezes, isso. Foi nessa altura que mais trabalhei nas universidades.

**APS E** foi, também, nessa altura, que tentaste que aqui, em Setúbal, abrisse um mestrado em parceria com o ISCTE, não foi?

**LS** Exatamente, em 1993. Depois, numa fase mais adiantada, em 2003, houve uma proposta tripartida com o Carlos Cardoso (da ESE de Lisboa), e colegas do ISCTE. Chegámos, formalmente, a apresentá-la em C. Científico. Não teve pernas para andar, não sei muito bem porquê. Pode ser que alguém, um dia, faça a história da instituição, e nos explique o porquê dos chamados projetos abortados ou que não tiveram força para vingar! Houve, aqui, coisas inovadoras. Essa foi uma delas, outra foi o Boletim Multicultural quando criámos o CIOE - Centro para a Igualdade de Oportunidades em Educação. O

boletim, a partir do nº 6 (Inverno/Primavera 1996), passou a chamar-se Multicultural e era, de facto, a única publicação, no país, nesta área. **APS E**, segundo me recordo, foi financiado pela FCT.

**LS** Exatamente chegou a ser financiada pela FCT. Chegámos a publicar 10 números. Fui editor durante os 6 primeiros números (1993-96); quando fui de licença sabática (um ano), ficou o Fernando Almeida a substituir-me, e depois o Carlos Cruz... e aquilo morreu, estupidamente. Ainda me faz hoje impressão, como se deixa acabar uma publicação que tinha apoio e financiamento externo.

Aqui na escola, há sempre muita dificuldade com as revistas. A revista Escola Nova teve um número e acabou.

**APS A** revista *online Media@ões*, teve dois números e parou. Agora, após um interregno surgiu de novo.

**LS** Parece que nos batemos sempre com essa dificuldade. Eu tenho uma possível hipótese de explicação para essa incapacidade editorial. Faz-me impressão que o Multicultural tenha acabado, pois era financiada, pelo FCT. Portanto, não tinha custos para a ESE, e funcionava para a escola como a revista que permitia as permutas. Nós recebíamos revistas de outras escolas e tínhamos sempre de contrabalançar essa oferta. O nosso boletim, para além das assinaturas

próprias (pessoas que se interessavam por esta temática), cumpria essa tarefa de permuta institucional.

**APS** Posso dizer-te da receptividade nas escolas, não só na formação contínua em que participava como com os professores cooperantes. Eu levava e vendia os boletins todos.

**LS** Eu acho que não deu prejuízo absolutamente nenhum à escola. Tínhamos várias assinaturas. E a verdade é que os números estão tecnicamente todos esgotados, tirando o número 10 (2001) que foi uma edição muito descuidada, mas isso são outras histórias. O boletim cumpria uma vertente muito interessante para os professores que estavam nas escolas, dando-lhes ideias, materiais. Tínhamos a perspectiva de que os professores sabem trabalhar desde que disponham de materiais. A dificuldade é muitas vezes encontrar os materiais e nós fazíamos isso.

Os nossos textos eram mais curtos, uma linguagem mais simples, se calhar, mais direta aos professores, com ideias e com materiais.

**APS** Mas não só, também havia textos de aprofundamento.

**LS** Sim, uma série de textos teóricos, relativamente curtos, não textos de revista científica, académicos, no sentido mais tradicional. Não tinham uma dimensão por aí além (três-quatro páginas), coisas que

não iam a grandes profundidades, mas tinham grandes sugestões de materiais, no campo da música, da literatura, do cinema, televisão... mas, eram textos com alguma qualidade e que abordavam, pela primeira vez, temas únicos. Lembro-me, do número temático sobre a comunidade surda. Na altura, era uma coisa pouco falada. Outro ligado à investigação multicultural. E conseguíamos que participassem muitas pessoas fora da escola. Nunca foi uma revista fechada.

Portanto os professores encontravam ali muitas referências e sugestões. Não temos, a maior parte das vezes, de ensinar os professores. Quando se lhes dá material, o professor sabe trabalhar com ele.

**APS** E a partir desse, sabe conceber outros!

**LS** Exatamente a partir desse concebe outro. Se acreditamos na sua autonomia profissional, ele faz isso. A dificuldade, por vezes, é encontrar esse material, e o nosso boletim tinha essa vantagem. Dizíamos têm esta música, esta canção, este filme, este texto literário... e depois não lhes íamos dizer como é que se trabalhava aquilo, não é? O Ministério da Educação fez isso, com trabalhos produzidos em vários projetos editoriais; em alguns casos, foram de

um didatismo excessivo (tipo *cook book*), e eu aí tenho muitas dúvidas sobre a sua real utilidade.



Momento da entrevista 2

**APS** Mas, também, houve trabalho desse centro, com outras publicações. Chegou, até, a haver lançamentos aqui na escola.

**LS** Sim, sobre os ciganos (livro de Elisa Costa), sobre as questões do género. O Centro nasceu de um projeto europeu (o único em português numa rede de 33). Isso teve uma vantagem, recebíamos mais dinheiro que os nossos colegas de outros países com 3, 4, 5 projetos, a Holanda por exemplo.

**APS** Isso foi em que ano?

**LS** Começou em 1989. Intitulava-se “Projecto TENET – Igualdade de Oportunidades em Educação – Formação de Professores para uma Escola Não Sexista”.

Inicialmente de um ano acabou por prolongar-se, por 3 anos. Fez-se, aqui, um grande encontro internacional, na altura. Estava ligado à ATEE - associação de formação de professores da Europa. Um dos produtos finais daquele trabalho foi a criação do Centro. 1º centro a ser aprovado na escola, em 1991. Depois foram criados mais um ou dois, creio eu. Esse centro ficou com a designação Centro para a Igualdade de Oportunidades em Educação porque as minhas colegas não aceitaram que se chamasse multicultural. Já na altura eu achava que essa era a designação adequada. Esse ano coincidiu com a minha sabática na qual aprofundei muito essa temática. Portanto estava mais do que convicto de que as questões de género não deveriam estar desligadas das outras e foi aí que começou a emergir a ideia da educação multicultural em sentido holístico. Eu achava que o centro se deveria chamar multicultural. Mesmo o boletim, nos primeiros números era designado de CIOE. Depois lá as consegui convencer, e finalmente passou a chamar-se Multicultural. Nessa altura, não havia, em Portugal, nenhum boletim sobre essa temática. Nesse aspeto, não

tenho dúvida nenhuma, fomos, de facto, inovadores. Depois, a outra componente de inovação, foi o projeto que acompanhámos na Quinta da Princesa de 1989 a 1994. Aí, não foi pioneiro por ter sido o primeiro. Foi pioneiro por ter a duração de 5 anos, com fixação do corpo docente e com um projeto com cabeça, tronco e membros. Chegámos a fazer uma brochura do projeto; esse plano, só por si, era uma reflexão sobre esta temática, emergente na altura.

**APS** O projeto da Quinta da Princesa era com pessoas aqui da escola?

**LS** Com pessoas aqui da escola e fora da escola. No decorrer do projeto acabou por fazer-se ligações com a equipa do professor Don Davies, com as equipas de investigação que ele coordenava (dos EUA, do Chile, da República Checa, da Áustria, de Espanha - Astúrias, Austrália). Eram equipas que trabalhavam os mesmos materiais, traduzíamos e adaptávamos os materiais para os vários contextos nacionais. A Quinta da Princesa teve essa grande vantagem, trabalhou connosco e depois foi alargando a sua rede.

**APS** Como é que foi o contacto com a Quinta da Princesa? Como é que se chegou a consenso para o desenvolvimento desse projeto?

**LS** Foi a altura das grandes mudanças demográficas nas escolas. Aquela escola tinha uma população multicultural fortíssima,

principalmente dos PALOP e ciganos. A diretora era muito ativa e interessada em alterar a vida da escola. A ligação a uma escola do ensino superior acabou, também, por lhes criar algumas necessidades. Nós, também, devemos ter colocado coisas na agenda que não estariam na agenda inicial delas. Mas que nunca negaram, estavam sempre disponíveis para isso, uns mais empenhados, outros menos empenhados. O facto é que “assinaram” um pacto connosco para não mudarem de escola enquanto durasse o projeto (e muitas delas não eram dali, nomeadamente a diretora). Foi muito interessante, permitiu pensar um projeto, tivemos um ano de estruturação e formação e depois foi pegar nas crianças e levá-las do 1º ao 4º ano. Fizemos o ciclo todo com elas. Para mim, foi muito interessante. Foi, talvez, o primeiro projeto de Educação Multicultural, bem estruturado, bem pensado, que teve a vantagem de ter um corpo docente estável. Uma das críticas que se faziam ao 1º ciclo era que se começava uma coisa e, no ano seguinte, as pessoas iam-se embora, havia muita mobilidade do corpo docente.

**APS** Sim e, principalmente, quando os contextos não eram considerados favoráveis.

**LS** Exato eram um pouco excludentes, digamos assim. Eram centrífugos, estavam ali no 1º ano porque foram lá parar por concurso mas, depois, no 2º ano queriam ir-se embora. O nosso projeto conseguiu um corpo docente estável.

**APS** Eu fiz-te esta pergunta porque quando organizei um Círculo de Estudos sobre esta temática, surgiu, precisamente, pelo trabalho, que lá tinha com os nossos estudantes. Na altura, como tinha um pouco o privilégio de organizar os estágios de todos os estudantes que estagiavam no 1º ciclo, esse privilégio repercutia-se em selecionar um conjunto de escolas em que achava que os estudantes deviam estagiar. As escolas do Monte da Caparica foram escolas que fizeram sempre parte. Mas, esse Círculo de Estudos surgiu porque, e foi por isso que te fiz essa pergunta, os próprios professores me pediram. Nós discutíamos bastante as dificuldades que os nossos estudantes tinham para trabalhar com turmas naqueles contextos tão marcadamente multiculturais, as dificuldades que os nossos estudantes tinham eram as mesmas dificuldades dos professores. Nomeadamente, as questões relacionadas com a língua, miúdos que vinham de Cabo Verde, falantes de crioulo, como trabalhar com eles.

**LS** Essa era a questão central, na altura. Era uma escola curiosa porque vivia em condições muito adversas, mas, depois, criaram-se ali condições de mudança e em que se conseguiu empenhar o ministério. A escola foi pintada, houve umas modificações nos espaços exteriores, quase tudo foi refeito. Criou-se uma grande sinergia com a comunidade, com a Polícia, o Centro de Saúde, todas as principais estruturas locais. Às tantas, tínhamos alguma dificuldade em articular tudo aquilo. Teoricamente éramos os pivôs daquilo tudo mas sentimos que não havia unhas para tocar aquela guitarra (RISOS).

**APS** Alterando um pouco o rumo da nossa conversa, tens várias publicações sobre esta temática, tens intervenção fora da escola. Gostava de saber o que pensas, neste momento, desta temática e de como é abordada aqui na escola e na formação de professores. Estamos a falar em formação inicial de professores do 1º ciclo, vamos centrar-nos no 1º ciclo, está bem?

**LS** Não te sei dizer muito bem porque perdi o pé em relação à componente dos mestrados, não é? Na licenciatura temos “Contextos Multiculturais em Educação”, com 4 créditos, 48 horas, é uma coisa pequenina, não passa de uma iniciação. Mas, onde nós notamos uma grande mudança nos estudantes em relação a esta temática. Quando

começámos com a formação inicial, ao falarmos em Educação Multicultural, ninguém sabia o que era, nem sabiam sequer dizer a palavra. Nós até brincávamos, dizendo que só fazia a disciplina quem dissesse multiculturalidade, pelo menos uma vez, sem se enganar. Hoje não! Na primeira aula, quando se apresentam, peço-lhes para dizerem que experiências tiveram no campo multicultural, no seu percurso de vida, que é jovem, eles (as) têm, em regra, 17-18 anos. E hoje os estudantes têm essa experiência. As escolas básicas e secundárias já têm intercâmbios com outros países, desenvolveram projetos interculturais, promovem semanas interculturais. O mundo está completamente diferente. Os estudantes quando arrancam a UC aqui connosco já têm trabalho anterior na escola e fora da escola. Portanto, a situação hoje é completamente diferente, ao nível de trabalho com eles já estamos noutra patamar.

**APS** Também sinto isso, a UC em que trabalho com eles é no 2º ano, não só tiveram essa experiência como tu dizes, como já trabalharam contigo, no 1º ano, essas temáticas.

**LS** Ainda que seja um grande fogacho, aquilo é uma espécie de fogo-fátuo. O que fazia algum sentido era ver como é que estas temáticas se cruzam, tendo a perspectiva de uma educação multicultural em

sentido holístico. Acho que isso é muito difícil de fazer; isso faz-se, mas com muito tempo. Não sinto que os planos de estudo, fatiados, nos permitam esse tempo. Os nossos colegas toleram-nos nos currículos desde que ocupemos alguns espaços, mas continuam a achar que não deve ir além do nicho. E como nicho que é, tem um tempo qb!

Na LEB, para além dos Contextos Multiculturais na Educação pouco mais há. Depois, introduzimos pela 1ª vez no currículo, “Antropologia Cultural”, mas onde não se trabalha explicitamente as matérias da educação, trabalhamos as diversidades, as multiculturalidades, no caso da sociedade portuguesa, não propriamente a componente educativa. Nos mestrados não faço a mínima ideia, não estou lá, não sei, acho que não há nada, mas não sei.

**APS** Como é que perspectivarias uma formação inicial de professores em torno da Educação Intercultural. Tens uma ideia?

**LS** Tenho! Primeiro é teres uma equipa, isto não assenta numa só pessoa. Aqui na ESE assentou em dois departamentos, não é? Mais concretamente, em duas, três pessoas e pouco mais; outras que fizeram, mas por obrigação da distribuição de serviço, não estavam para aí viradas. Quando se está numa coisa por obrigação, os

estudantes percebem logo se o professor está empenhado e dizem no final, gostei da matéria, gostei muito do empenhamento do professor.

**APS** Basicamente o que me estás a dizer é que isto passa muito por conseguires trabalhar com os outros colegas?

**LS** Sim, isto não é um projeto individual.

**APS** Tens que os agarrar, conquistar para...

**LS** Exatamente. Ultimamente estou envolvido numa UC (CME), e não sei muito mais para além dela. Antes, no Pré-escolar e no Pri, quer no bacharelato quer na licenciatura, acompanhávamos os estudantes ao longo dos anos de formação. No bacharelato ainda melhor, nós fizemos o percurso tal e qual como os estudantes: éramos responsáveis por várias disciplinas da área do Meio Físico e Social e íamos com eles do 1º ano ao 3º ano. No Primário era absolutamente certo o que estou a dizer, no Pré-escolar com uma lacuna num ou noutro semestre. Ora hoje não tenho essa noção. Hoje, sei que os tenho no 1º semestre e que nunca mais os volto a ter, em princípio.

Portanto, não é uma questão individual, é uma questão de equipa em torno de certas temáticas. Essa equipa é vantajosa ser interdisciplinar, mas não sei se o facto de ter estado, até aqui, em dois departamentos foi facilitador disso. Na prática, havia alguém ligada às línguas que

desenvolvia uma área muito próxima das multiculturalidades, mas muito centrada na questão da língua que é uma questão central, não é? Fazia com que eu, por exemplo, não tocasse, praticamente, nessa vertente. Mostrava apenas que na abordagem holística estava lá a questão da língua e não perdia muito tempo com isso. Demorava um pouco mais com a comunidade surda, era uma questão mais especial. Mas, infelizmente, não passa de sensibilização para aqueles que ainda não estão sensibilizados. Fica sempre a saber-nos a pouco porque, nunca há, aquilo que é fundamental: e depois, quando estivermos a dar aulas como é que se faz, não é? Acho que aí houve um retrocesso, estás a ver?

**APS** Pois temos de ver esta questão em duas dimensões, a dimensão do trabalho numa perspetiva intercultural, como é que isso se faz e depois outra realidade concreta que é, eu estou numa turma em que o contexto multicultural está vincadamente presente, como é que eu faço. Tem de haver estas duas dimensões na formação de professores, não achas?

**LS** Exatamente. Há gente que tem esta visão (visível no programa de Estudo do Meio), só se discutem estas temáticas se elas fossem “pertinentes” para os estudantes que estivessem na sala de aula.

Portanto, se não houvesse ciganos nem crianças negras na sala, o professor não falava em Educação Multicultural. Na prática, era o que o programa de Estudo do Meio propunha.

Ou seja, é o contexto que impõe os temas e não propriamente o facto de o ser humano, hoje, dever ter uma formação nesse domínio; tem que ter uma literacia multicultural e que isso faz parte da sua bagagem para estar ativo, atuante e eficaz no mundo atual. Independentemente de fazer seja o que for. E mais, nas escolas que não têm essa diversidade cultural ainda mais se justifica. Porque se o aluno não tiver na escola uma experiência mínima, ou pelo menos, um debate mínimo sobre estas temáticas, corre o risco de fazer todo o seu percurso escolar, sem nada disto. É o que acontece às pessoas que andam nos colégios privados, católicos, brancos e endinheirados. E isso até ao 12º ano. Depois vão para uma universidade privada porque têm muito dinheiro; ciganos não há lá e negros há muito poucos. Portanto, eles não têm experiência nenhuma no campo da relação multicultural. Não tiveram contactos multiculturais, nem de experiência de vida, nem de experiência académica!

Portanto são duas situações diferentes, uma é a que eu tenho uma criança negra, uma chinesa, uma russa, uma moldava, e eu sei

distinguir o que é a língua russa, do que é um chinês do que é um crioulo africano. Pelo menos, isso soa-me diferente, percebo e convivo com eles e pouco a pouco vou tendo algumas aprendizagens. Percebo que eles têm formas de estar diferentes, têm outros interesses, vêm de outras regiões que eu nunca ouvi falar, sei lá o que se passa por lá. A outra situação é um sítio onde nada destas questões estão na agenda e nós temos de as discutir porque o mundo vai para além daquele oásis artificial, não é? É o oásis da escola privada, em que tudo é um pouco artificial porque o mundo não é bem assim. Eu até percebo que essas pessoas, que se consideram elites, não se misturem muito. Mas no ensino público, nas escolas públicas, isso deveria estar na agenda, devia ser um imperativo. Ou seja, fora das áreas metropolitanas, a Educação Multicultural é ainda mais necessária, não é? Não faz sentido que só se dê Educação Multicultural porque se está em Setúbal e porque o distrito continua a ser uma área de atração, de chegada de populações muito diversas em termos étnico-culturais. E o que é que se passa em Bragança, em Vila Real ou Castelo Branco? **APS** Já percebi que estarás de acordo que a formação inicial de professores precisaria ou precisa de ter alterações, de base, profundas....



**LS** Sim, não tenho dúvida nenhuma! Acho que esta área começou por ser marginal e foram as escolas, demograficamente multiculturais, que a impuseram. Os projetos nasceram aí. E, depois o ministério foi por arrasto. Criou o SCOPREM (Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural), numa fase inicial, mas já havia projetos no terreno. Levou algum tempo a que isto entrasse no currículo nacional.

**APS** Sim, mas estás a falar no ensino não superior e no ensino superior?

**LS** No ensino superior depende muito do corpo docente de cada escola e das suas dinâmicas. Era interessante que se realizasse um estudo que nos mostrasse como é que isso se passa a nível nacional, porque a experiência que temos diz-nos que em algumas escolas há áreas disciplinares especificamente viradas para isso (ESE de Lisboa, Leiria, p.e.) e há outras em que se olharmos para os títulos das UC(s) nada nos dizem, temos de ir mais longe, aos programas, não é? E, por outro, mais difícil ainda, os contextos de prática, de estágio se estas questões são, de facto, aí abordadas. E como são abordadas? Uma coisa são as escolas multiculturais em que a agenda se impõe. Os estudantes trazem-nos questões concretas, como vou abordar isto pois

eu não sei como fazer, tenho dificuldades em tratar com certos alunos (especiais?) e não sei como trabalhar com eles. Ou, nas outras escolas onde essas questões demográficas não são evidentes, importa saber se os nossos estudantes levam essas temáticas para o estágio nas suas unidades de trabalho, não é? Não conheço dados nacionais sobre isso.

**APS** E em relação ao que sabes sobre legislação pós-Bolonha, ou seja, a aplicação de Bolonha em Portugal na formação de professores. Pensas que há alguma diretriz que encaminhe para estas questões da Educação Intercultural entrarem na formação inicial de professores?

**LS** Eu acho que o nosso problema não é a legislação nem portuguesa, nem europeia. No CIOE fizemos muitas vezes essa análise. Havia muitas diretivas comunitárias, na altura. Existia legislação, o nosso objetivo era divulgá-la, dá-la a conhecer porque, de facto, aquilo fica pelo Diário da República e pouco mais. De facto, orientações há, legislação há! E agora até está nos programas.

**APS** Mas, concretamente legislação, aquela que enquadra a formação de professores, agora, no pós-Bolonha.

**LS** Este modelo de formação de professores não vai continuar por muito mais tempo. Nasceu muito mal, nasceu de forma estranha, ou seja, há uma Licenciatura em Ensino Básico que não sei para o que é

que serve, exceto para entrar no mestrado. E depois só aí é que se pensa nas coisas da docência, porque antes são generalidades educativas. Quando tínhamos as formações integradas, as questões da prática pedagógica, do terreno, estavam ali, sempre presentes.

Hoje parece que se deixa o fundamental para depois, no mestrado trata-se disso. Não tenho a menor dúvida que o modelo de formação inicial de professores vai levar uma grande volta. As escolas de ensino superior vão continuar a ter autonomia para fazer os seus planos e os seus currículos e, neste particular, sinceramente, preferia que o ministério não se metesse mais. A experiência que tivemos nos últimos anos não foi a mais adequada; o MEC entrou demasiado na formação só por ser o “empregador maioritário”: definiu áreas demasiado fechadas, com percentagens demasiado rígidas. Assim, não há margem para ir muito além. Ninguém que faça outra coisa! No modelo anterior, pelo menos, havia algumas escolas que faziam educação multicultural ou, na área das ciências sociais, iam para lá da velha-e-relha História e Geografia de Portugal.

**APS** Sim, mas aqui também. Quando olhas para os planos de estudo das outras escolas, que foi uma coisa que já fiz, apesar desse espartilho de teres 30% ou 40%, já não sei, para a área da docência, por exemplo,

consegues ver que há unidades curriculares em cuja designação está bem explícita esta área e planos de estudo em que isso não acontece. Portanto sempre há uma margem de manobra e que aquelas são as opções daquelas escolas.

**LS** Claro que há! Aliás estamos longe do currículo nacional, e não tenho a menor dúvida que alguns sectores gostariam de voltar a esse centralismo curricular.

Acho que era mais simples dizer-se quais são as áreas que devem estar nos currículos e quais são as grandes componentes que o devem compor. O resto, as escolas que tratem de ver qual a percentagem, o peso, o como, e o onde é que deverá estar presente. A questão principal é esta: hoje, que competências, que conhecimentos tem que ter um professor? E, de certeza, que não pode haver nenhum perfil que não inclua esta componente, a da literacia multicultural. Caso contrário, é enterrar a cabeça na areia, não é?

Desde que fosse explícito isso. Era mais útil uma coisa dessas do que dizer que tem de haver uma formação de História e Geografia de Portugal, ou disto ou daquilo, era preferível não ir por esse caminho. As escolas saberiam encontrar a estrutura curricular e a designação da UC desde que, no final, o perfil da pessoa, a concluir a LEB, tivesse

o domínio de várias literacias, e um dos imperativos incontornáveis para o Ensino Superior é formar os professores em literacia multicultural. E, no caso do Pré-escolar e do 1º ciclo, os futuros professores/educadores têm que saber como se ensina a literacia multicultural nas escolas. Porque se nós estamos preocupados com a literacia ligada às questões ambientais, à literacia tecnológica, à literacia matemática, à literacia nutricional, e ao audiovisual então não podemos prescindir também da multicultural, onde se inscreve a primeira de todas, a língua. Faz-me muita impressão que alguém saia do ensino superior, para ser professor, sem a capacidade de literacia nesta área; pelo menos, tem que ter os conhecimentos básicos para saber dar resposta a este desafio que é crescente nas nossas sociedades. Não sabemos, em concreto, como vai ser o mundo de amanhã, mas sabemos que a multiculturalidade é crescente, não é?

**APS** Consideras, pelo que já percebi, que há um enfoque, em termos teóricos, muito reduzido devido à dimensão das UC(s) que fazem parte do plano de estudos, nomeadamente na licenciatura, mas, depois, em termos de aprendizagem do que os estudantes deveriam saber, como é que depois, em sala de aula, quando profissionais... o que pensas que se faz aqui na instituição?

**LS** Acho que se faz muito pouco. Volto a dizer, o que conheço dos mestrados é pouco, não tenho tido neles participação direta (e as razões para tal não interessam para agora). Mas reconheço que a opção não é só uma opção de escola. Enquanto nós tivemos uma grande liberdade para construirmos currículos, numa 1ª fase, nos cursos do Pré e do Pri, tanto no bacharelato como na licenciatura e nos CESE. Hoje, isso já não acontece com os mestrados.

O ME condicionou muito os planos de estudo das Escolas. O ME fez as suas opções. Por exemplo, quando “desenterrou” a História e Geografia de Portugal”, diz-se que se vai dar certos conteúdos e não outros. Houve aqui um retorno a conteúdos muito concretos das disciplinas clássicas e as matérias da multiculturalidade não se inscrevem numa disciplina clássica, tradicional.

**APS** Mas conseguiu-se na licenciatura e também tinhas esse corpete, x créditos para língua, x créditos para ..., conseguiste-o dentro de campos de determinadas áreas, conseguiste introduzir UC (s) que trabalham essa temática.

**LS** Sim apesar de tudo, mas se queres que te diga, não muitas. Mas então no mestrado o campo de manobra ainda é mais reduzido.

**APS** Mas tens escolas que o fizeram! Parece-te não haver aqui, na escola, neste momento, uma abertura, uma apetência para...

**LS** Não te sei responder. Precisava de outro tipo de análise, mais profunda, que não sei muito bem como fazer, sem entrar por caminhos especulativos. Quando vim para a ESE de Setúbal coordenar o então núcleo de Meio Físico e Social, escrevi sobre o que deveriam ser as Ciências Sociais numa ESE. A ideia, e no essencial não a mudei muito, é que a interdisciplinaridade se faz com pessoas de áreas disciplinares diferentes e não com gente da mesma família disciplinar senão não há interdisciplinaridade. Dizer que sociólogos e psicólogos conseguem tocar todas as Ciências Sociais, a mim, faz-me espécie. Não vejo aqui economistas, não vejo ninguém da Ciência Política. Sempre me bati por um departamento que tinha pessoas com essas formações, e que era no cruzar dessas formações que as ciências sociais emergiam. Em Portugal nunca se conseguiu fazer isto. A experiência dos Estudos Sociais do 5º ano de escolaridade, foi uma experiência muito curiosa, ainda que limitada no tempo, e condenada ao fracasso porque, de facto, os professores de História deram cabo daquilo, o que eles queriam era dar História, ponto final. E, não há Ciências Sociais em Portugal, na formação básica o que há é História

e Geografia. E com este retorno a formação de professores teve de adequar-se a isso. Se o ME opta pela História de Geografia de Portugal, a formação de professores foi obrigada a fazer essa mesma opção.

No nosso departamento, tínhamos professores de Economia, Geografia, História, Sociologia, Antropologia, só não tínhamos ninguém de Ciência Política, no clássico leque das sete Ciências Sociais clássicas. Ora, não há formação de Ciências Sociais a partir do 1º ciclo; aí, como não há disciplinas, há o Estudo do Meio (anteriormente designado de Meio Físico e Social), e mais são as Ciências Sociais que se têm de se cruzar com as Ciências Físico Naturais. Quando se reduz tudo isto, no 2º ciclo, a História e Geografia de Portugal é um empobrecimento enorme. Mas aí parece que não há volta a dar. Esta é a nossa tradição, nós não temos uma tradição americana, que eu muito aprecio, que é o Social Studies ao longo de todo percurso escolar (K-12). Uma vez mais História, outra vez mais Geografia, outra vez mais Antropologia, mas é sempre Social Studies, é o estudo do social, a tal Social Education, que nós aqui, de facto, não conseguimos erigir; eu julgava que as ESE faziam esse percurso, mas não, foi um falhanço completo.

**APS** Nas pesquisas que tenho feito nomeadamente em relação aos Estados Unidos sobre a formação inicial de professores para a diversidade cultural, o que está perspetivado, o que defendem e as várias experiências que têm em várias universidades, é que o início da formação começa com os estudantes a irem para o terreno, para uma determinada comunidade, que vão estudar. Uma comunidade que seja o mais diferente possível da comunidade de origem dos estudantes, para terem contacto, serem incluídos numa cultura completamente diferente, e para se questionarem como é que funcionariam, quando profissionais, numa comunidade destas. Muitas universidades têm este tipo de experiência e com o avançar da formação, há todo um conjunto de metodologias direcionadas para o trabalho, em sala de aula, em contextos multiculturais.

E, em Portugal temos escolas superiores de educação a abordar a temática da multiculturalidade/ interculturalidade.

**LS** Pois, quando há pouco nós dissemos que, no princípio, nos demos ao luxo de ser pioneiros nestas áreas, hoje ninguém se pode dar ao luxo de ser pioneiro em nada, porque hoje é a formatação para todas as escolas. Nós estamos muito perto do que foram os magistérios

primários onde havia um currículo igual para todas essas escolas. O campo para estas temáticas está muito reduzido.

A temática da multiculturalidade/ interculturalidade não é uma área disciplinar, é uma área de cruzamento das ciências sociais. Quando tu tornas isto disciplinar, quer dizer que estás a deixar pouco campo para estas áreas florescerem. Este retrocesso, eu não digo que é um problema da escola, não estou a dizer isso, é um problema geral, e se há escolas que conseguem ser mais hábeis nisso, ótimo, eu tiro-lhes o chapéu, nós, aqui, não o conseguimos.

**APS** Sim, mais hábeis em termos de unidades curriculares para..., agora em termos de fornecer aos estudantes ferramentas que lhes possibilitem o trabalho nestes contextos multiculturais, não. Podemos ver em duas dimensões. Os estudantes, enquanto futuros professores, poderão vir a trabalhar em contextos multiculturais e em contextos em que a dimensão ou a perspetiva intercultural tem que estar presente, mas que a sala de aula não é representativa da multiculturalidade social, apesar de isso ser um pouco mais difícil, neste momento!

**LS** Essa foi sempre uma luta que eu tive, na altura em que discutia com os nossos colegas ligados ao ministério ou a instituições, porque eles achavam que os projetos multiculturais eram só para escolas

multiculturais. E dizia-lhes precisamente o contrário, é precisamente nas outras escolas, nas monoculturais que ela faz mais falta, porque aí é que eles não têm experiência nenhuma de diversidade, não sabem o que é ter um cigano ao lado deles, não sabem o que é o crioulo, nunca o ouviram na vida. Não fazem a mínima ideia do que é ser imigrante. Ora, é nessas escolas que mais se faz sentir a educação multicultural, não é? Nós aprendemos muito fora da sala de aula, aprendemos muito com o convívio com os outros alunos. Hoje, estou a fazer esse tipo de análise para as populações do ensino superior, e reconheço que há um grande empobrecimento, a tese que eu tenho vindo a defender (e a escrever), de há uns tempos a esta parte: a minha experiência universitária, por exemplo, era muito mais multicultural que as experiências universitárias, de grande parte dos estudantes de hoje. Porquê? Porque as escolas, hoje, são verdadeiramente nichos de homogeneidade, que é, a cada escola superior o seu grupo social. Os do politécnico são os pobrezinhos, depois há uns mais ricos, vão para a universidade e os com dinheiro vão para a Universidade Católica. E, como a rede de ensino superior está pulverizada por todo o país, as escolas, hoje, são pouco diversas em termos populacionais. Ora, a nossa experiência, de 3 universidades no país (Lisboa, Porto e

Coimbra), fazia com que, mais que não fosse, tinha que se encontrar gente de todo o lado. Hoje, um alentejano só conhece alentejanos, porque estão todos ou na ESE de Beja ou na Universidade de Évora. E só lá estão alentejanos, os que vão de fora são pouquíssimos, e no contexto português isto é um empobrecimento enorme.

**APS** Podes entrar com outra dimensão, os estudantes estrangeiros, reportemo-nos aqui à nossa escola, tens estudantes estrangeiros, os estudantes Erasmus, e não há articulação, nem integração nenhuma, nem relação com os colegas, nem com os professores.

**LS** Exato. Isso são “flores”. Isso é um exotismo! Dizer que o Erasmus introduz grandes mudanças na vida da escola, não é significativo. Ainda temos muito que caminhar nesse campo. Primeiro, são poucos estudantes que vêm, depois a forma como eles cá estão, não conseguimos pô-los nas aulas a tempo inteiro, a partilhar as suas experiências de vida de uma forma mais intensa, numa permuta forte. É tudo muito superficial, eles vêm cá a apanhar sol, passam pelas aulas e pouco mais. Há exceções!

**APS** Mas... não os podemos culpar só a eles. Nós, também, não estamos preparados para os receber.

**LS** Nós não estamos preparados para os receber. As nossas escolas de ensino superior, nesse aspeto, não são de diversidade. Ao contrário das do ensino básico e secundário do nosso distrito.

Aqui no distrito não há hipóteses, quem for trabalhar para estas escolas, vai ter de se confrontar com contextos multiculturais. Portanto, eles têm de saber lidar com essas questões, pois vão confrontar-se com isso. Eu estou mais preocupado com as escolas em que são todos iguais, os colégios privados. Vou dar-te um exemplo, o colégio em que andou a minha filha mais nova. Aquilo é um colégio monocultural típico! Com aqueles estudantes é que eu me preocupo, porque não têm experiência absolutamente nenhuma nestas áreas, não têm um único colega negro na escola, cigano, nem pensar, pobre, nem pensar, estrangeiro, idem, não é? Porque os estrangeiros estão na escola alemã, no liceu francês, na escola americana... Essas crianças têm tudo menos experiências multiculturais. Ou estão num colégio religioso católico e para eles a diversidade religiosa não existe. Ao contrário daqueles que acham que a educação multicultural nasce só pelo contexto em que está inserida, eu, aí, tenho uma posição diferente. As pessoas aprendem sempre com a vida, mesmo que não os tenham ensinado na escola, aprendem na rua, na interação social.

Agora aqueles que toda a vida estudam e trabalham só com aqueles que lhe são iguais, vivem num condomínio privado, frequentam uma escola em que os colegas e professores são “WHASP”, andam em transporte privado, não sei qual a experiência dessa gente nestes domínios da diversidade étnico-cultural. E, muita dessa gente, é que vai depois ocupar os lugares de chefia no aparelho de estado. E como é que se pode ser diversificado em tudo se a formação deles foi o mais homogéneo e monolítica que imaginar se possa!

**APS** Voltando à formação inicial de professores e à formação de professores para o 1º ciclo consideras que esta componente de metodologias para o trabalho concreto quando tens crianças, numa sala de aula, cuja diversidade (linguística, cultural) é enorme, a formação de professores também os deveria preparar nesse campo.

**LS** Sim, mas aí, eu acho não se avançou muito. Houve ganhos apenas no campo da sensibilização, da abertura, ... Ok, a gente inclui, não exclui, mas não trabalha isso com profundidade. E as experiências que houve, umas melhores outras piores, as dos TEIP, por exemplo, ou a dos Currículos Alternativos tiveram objetivos muito desagradáveis, porque se achava que para esses alunos bastava um currículo de segunda linha, conteúdos mais ligeiros, isso não foi muito simpático.

**APS** E já reparaste que vão muito pelas questões dos eventos, dos festejos?

**LS** Exato é a celebração do exótico! Isso institucionalizou-se: as escolas comemoram a semana x, para a cultura y, ou seja, têm visibilidade curricular nalguns dias do ano. E em alguns manuais. Duvido que os professores trabalhem com eles assuntos mais profundos, e tenham em conta como se comporta numa sala de aula uma criança que chegou agora de Macau, diferentemente de uma criança cigana ou de uma criança cabo-verdiana nascida em Portugal. Eles têm formas muito diferentes de comportamento e de aprendizagem. Eu acho que nisso estamos muito longe de saber quais são as formas e os estilos de aprendizagem que estão associados à matriz cultural que cada um traz.

**APS** Sim, as marcas culturais. Lembro-me de ter lido um texto, quando foi do meu mestrado, que dou muitas vezes como exemplo aos estudantes. Duas miúdas indianas, ótimas alunas, mas no item de participação tinham sempre resultados negativos. No final do ano os professores comunicaram estes resultados aos pais, sem sequer lhes perguntarem o porquê. Os pais ficaram muito impressionados, porque na casta a que pertenciam, o maior respeito que se poderia demonstrar

para com um adulto, era só se lhe dirigir depois de se ter sido interpelado. As miúdas estavam, pois, a ser penalizadas, estando a cumprir o que, na sua cultura, era o indicativo de maior respeito para com um adulto.

**LS** A comunidade indiana, em Portugal, sofre, muitas vezes, situações dessas, porque eles de facto têm sempre ótimos resultados académicos. Mas depois, nas folhas de avaliação lá vêm as recomendações, deve participar mais, participa pouco. De facto, o registo não pode ser esse, o aluno participa se o adulto o interpela. Nós, por aqui, falamos mesmo sem nos darem a palavra... (RISOS)

**APS** Agora falaste em algo que me fez lembrar as fichas de caracterização dos alunos, em que os portugueses são os lusos. Esta designação continua a ser a mesma, surgiu com o Secretariado Coordenador e nunca foi alterada!

**LS** Pelo contrário cristalizou, aí está o lado negativo. Essa foi uma das primeiras discussões que tivemos com eles. Tivemos grandes debates com aquela equipa para que isso fosse alterado, mas não conseguimos de facto. Quando uma estrutura central do ministério cria uma tipologia mais facilmente ela cria raízes. Aquela tipologia criada pelo Entreculturas, no essencial, mantém-se. Na altura, criticámo-los



porque aquilo, de facto, era uma misturada, nuns casos era a origem nacional, para eles, angolano era um todo, independentemente das várias etnias existentes naquele país.

**APS** Africanos, como todos eram designados.

**LS** Africanos, ainda pior. Havia os africanos, asiáticos. Para eles os ciganos eram os únicos étnicos, não era? Depois, havia os macaenses, que tinham sempre ótimos resultados académicos, pois estatisticamente era um grupo pequeníssimo e não era tratado de acordo com essa reduzida dimensão. Houve ali algumas falhas que, infelizmente se mantiveram. Ao fim de estes anos todos não há grandes avanços no que diz respeito à linguagem, continuamos muito colados ao senso comum. Continuamos a dizer que são os lusos, os angolanos, os cabo-verdianos e os macaenses, não é?

**APS** Gostava, também, de saber qual o conhecimento que tens sobre a abordagem a esta temática no ensino não superior, focando o 1º ciclo nomeadamente em termos de currículo, de manuais, das escolas, da tutela, de projetos,...

**LS** Isso é um mundo! Curiosamente, em Portugal, a tutela foi muito importante, no período de Roberto Carneiro, fomos pioneiros, não é verdade? O Ministério da Educação ao criar o SCOPREM

(Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural), foi muito importante porque, na altura, a ambição era coordenar os projetos que já existiam, ou seja as escolas naturalmente por necessidades da própria diversidade da população criaram abordagens ao multicultural, e, portanto, o Roberto Carneiro achava que aquela estrutura do ministério coordenaria esses projetos. Acho que nunca fez isso, o que fez foi criar o seu próprio projeto, criou uma coisa chamada PEDI (Projeto de Educação Intercultural), e que começou por ser de 2 anos, na 1ª fase, para depois ser alargado. E isso foi muito importante porque foi um projeto de âmbito nacional.

E criou muitos materiais pedagógicos. Nós, em 2001, fizemos até recensões de algumas dessas obras. Fui, na altura, convidado para a apresentação comentada de publicações deles, aqui em Setúbal e em Lisboa também. Isso foi importante porque os professores passaram a ter materiais vindos do próprio Ministério, não é? Não se pode acusar o Ministério de que não esteve sensível a isso.

**APS** Houve materiais e houve tradução de várias obras.

**LS** Exatamente. O que ficou daquele secretariado enquanto esteve ligado ao ME, porque depois passou para a Presidência do Conselho de Ministros, e mais tarde para o Alto-comissário para a Imigração e

Minorias Étnicas (hoje ACIDI), e a partir de aí foi-se afastando da educação. Mas, nessa 1ª fase, teve uma atividade editorial muito interessante, não só pelas traduções, como pela vinda de pessoas estrangeiras (na altura conseguiram trazer cá o James Banks, um dos nomes que eu lhes tinha sugerido). Fiz leituras críticas em relação a esse período, já escrevi sobre isso. Mas no essencial, e olhando para trás, foi um período muito razoável, com incorporação desta problemática nos planos curriculares.

**APS** É de não esquecer as publicações coordenadas pelo Carlos Cardoso, em 98. Foram 3 publicações, uma por ciclo, 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo.

**LS** “A Gestão Intercultural do Currículo” que, na altura, era uma tentativa, mesmo com aqueles programas tão limitados, de haver um olhar do intercultural nas diferentes áreas disciplinares, nalguns casos, convenhamos, um bocado forçado. Lembro-me de fazer esse comentário no lançamento do livro referente ao 2º e 3º ciclos, em 2001 na Gare Marítima do Conde de Óbidos, por exemplo na área das Ciências da Natureza. Mas o exercício foi interessante, não foi? Apesar de tudo acho que o balanço é positivo. Mas, a multiculturalidade nas escolas ia para além das iniciativas do próprio

ministério. Houve muitos projetos que se fizeram independentemente do ministério. E, depois, quando isto começou a ter acolhimento nos estudos académicos, quando começou a haver mestrados e doutoramentos, ganhou uma outra dimensão com a multiplicidade de trabalhos científicos.

**APS** Doutoramentos só mais tarde. Lembro-me que o primeiro em Portugal foi o do Carlos Cardoso, e teve de ir para Inglaterra.

**LS** Exatamente. Mas, começou a haver gente a trabalhar nessa área, e isso foi interessante. Agora, não sei muito bem em que ponto é que nós estamos, se queres que te diga. O currículo nacional incorporou isto de uma forma explícita. Assumi finalmente a designação da interculturalidade, não é? Hoje é tudo intercultural. Não sei, discutível, mas pronto.

**APS** Têm sido tomadas algumas medidas, designadamente centradas muito no português enquanto língua não materna. Têm sido tomadas bastantes medidas em relação a isso.

**LS** Sim, essa foi das áreas, talvez para o bem e para o mal, que esteve sempre no centro das preocupações. Temos tido dificuldade em lidar com a questão da diversidade linguística. O nosso projeto da Quinta

da Princesa achava que os alunos podiam aprender em duas línguas, nunca tal aconteceu.

**APS** Sim, mas sabes que houve um projeto, agora, do ILTEC com uma turma bilingue, português-cabo-verdiano.

**LS** Sim, ao fim de quase 20 anos. Ao fim de 20 anos já se pode dizer que nas nossas escolas há diversidade linguística. Os estudantes estão lá e eles criam essa diversidade linguística. Mas em termos do bilinguismo, não há propriamente trabalho de aprendizagem das matérias curriculares em dois registos porque falta aí um domínio fundamental que são os professores, não é? Os estudantes são cada vez mais multiculturais, os professores não são! Os professores continuam a ser brancos, classe média, católicos, etc. Acho que não há diversidade do corpo docente.

**APS** E que análise fazes em relação aos manuais?

**LS** Tu sabes, eu tenho coordenado a equipa que aqui tem feito a avaliação, nestes últimos 3 anos, dos manuais do 1º ciclo o Estudo do Meio, e a mudança é muito significativa. Esta é uma das áreas em que somos muito assertivos. As 4 editoras com quem trabalhamos procederam a muitas mudanças. Lembro-me de quando trabalhei

contigo a análise dos manuais escolares, numa disciplina que tínhamos em comum...

**APS** O Seminário de Apoio às Áreas Científicas.

**LS** Exatamente, e quando comparo com os manuais que nós hoje aqui avaliamos, as mudanças já são muito significativas!

**APS** Aconteceu-me, precisamente, o mesmo, porque, também, faço parte...

**LS** Do Português.

**APS** Sim, do Português, também para o 1º ciclo. Pela 1ª vez gostei de um manual escolar, imagens reais, imagens que mostram a diversidade dentro da sala de aula, na sociedade. Pela 1ª vez encontrei um manual,... mas só este ano letivo.

**APS** Pois, eu tenho uma visão muito positiva deste processo. Pessoalmente gosto muito deste processo de avaliação dos manuais. Acho-o muito interessante! E, a nossa equipa de Estudo do Meio, é uma equipa muito interessante, trabalha muito bem, e somos muito críticos nesta dimensão. E, temos a certeza que os manuais espelham um pouco das nossas opções, e, nas conversas que vamos tendo com os editores, eles acabam muitas vezes por aceitar e acatar muitas das nossas sugestões. Portanto nós sentimos que, o manual é feito,

naturalmente pela editora e pelos autores, inquestionável, mas o produto final não tem nada a ver com o produto que nos chega no arranque do processo. E esse *plus* (RISOS) multicultural que tem, não tenho a menor dúvida que nos cabe, em parte, a nós. Tanto eu como a Ana Pessoa somos muito virados para essa dimensão.

**APS** Também sinto isso em relação aos manuais de Língua Portuguesa, tenho essa experiência com uma editora específica, isso não aconteceu com as outras editoras, em que realmente tanto com a editora como com os autores, estas questões já estavam implícitas, foi só explicitá-las.

**LS** Não tenho dados para além dessas 4 editoras. Só sei da nossa experiência empírica que aqui tivemos durante estes anos. Não tenho ideia de qual é o “estado da arte” a nível nacional.

**APS** Voltando à formação inicial de professores, gostava de perceber como é que conseguiste ou como é que se conseguiu, aqui na escola, que esta temática passasse para os planos de estudo, quando nós sabemos que há um conjunto de pessoas que a não consideram relevante.

**LS** Quer dizer, isto começou ainda no Núcleo de Meio Físico e Social e depois teve continuidade no CMD. E foi para além de mim. As

pessoas que lá estavam tiveram de trabalhar estas temáticas, pois se davam aquelas disciplinas, tinham que trabalhar isso, mesmo que não tivessem uma grande apetência para tal tiveram de fazer essas abordagens. Era um imperativo dos programas. O Carlos Cruz, o Fernando Almeida não eram propriamente desta área, e hoje trabalham-na com algum à vontade. Tiveram de fazer isso, fazia parte da nossa agenda, era inquestionável a sua abordagem letiva.

O antigo núcleo/departamento das Ciências da Educação acabou, por sua vez, por ter docentes que faziam abordagens psicológicas ou sociológicas, ligadas às questões das identidades. Os psicólogos pegaram muito nisso, outros trabalhavam mais os contextos escolares, a escola enquanto instituição de diversidade. Portanto a temática foi ganhando terreno. Essas pessoas apareceram quando isso era um modismo pedagógico, quando era de bom tom falar do assunto, não é? E, às tantas, já não tens de desocultar nada, não tens de fazer seminários, não tens de fazer publicações, porque a sociedade já fala disso, por dá cá aquela palha. Portanto aqui, também, por arrasto foi-se “ensinando”. E foi, nessa altura, que eu comecei a desinvestir, ou seja, aquilo já estava tão lançado que andava por si. Mas, apesar disso, foram sempre áreas que não tiveram uma componente curricular

muito forte. O que continuamos a fazer é sensibilização. As pessoas têm atitudes de abertura, não são racistas explicitamente. Mas, se perguntares, se nós testamos com eles como é que se fazem as aprendizagens dos alunos em relação a estas matérias e como as ensinam, eu, aí, tenho as maiores dúvidas, podes crer. Ou seja, eles pegam nos manuais, e conseguem dizer este não traz crianças com outro aspeto físico, nunca nos falam de outros continentes, nunca nos falam de outras gentes, sim eles essa leitura (básica) fazem-na. E o que é que você faz? Como é que você ensina? Fez-se isso quando nos CESE (s) porque eram professores em exercício, e muitos dos trabalhos de avaliação eram coisas concretas que eles faziam nas escolas. Já eram professores, e aí traziam algumas unidades curriculares viradas para estas áreas, alguns materiais. Demos uma grande ênfase à produção de materiais pedagógicos. Eles faziam um material pedagógico, para a educação multicultural. E houve coisas muito interessantes, eram pessoas já com larga experiência.

Mas, quanto aos nossos estudantes de formação inicial, eu tenho muitas dúvidas se se foi além do que fizemos naquele nosso Seminário, de 4º ano do curso de Licenciatura em Professores do 1º ciclo do Ensino Básico.

Foi muito especial, eram já quatro anos de formação, muito diferente da experiência que hoje temos. Acho que, nesse aspeto, se regrediu. Mas falta-me uma visão mais ampla para dizer isto com maior certeza! **APS** E, agora, diz-me qual o teu grau de satisfação face ao trabalho que desenvolveste, no âmbito da Educação Multi/Intercultural, aqui na instituição.

**LS** Gostei! Gostei muito. Foi uma experiência muito gratificante, marcou-me muito como pessoa, como profissional! Foi durante muito tempo “a minha área de trabalho”, fiquei muito associado a isso. Ainda hoje, há muito gente que me identifica como “o das multiculturalidades”, ainda que eu esteja num processo de afastamento, ou antes, de distanciamento, mais de leitura crítica. Foi uma experiência interessante que a autonomia que a escola proporcionava para fazer coisas desse género, não sei se hoje se conseguiria fazer isso. A experiência dos projetos, o criar o centro, o boletim... foi uma pena ter acabado! Aí está um bom exemplo da falta de compreensão institucional, não é? Nunca tivemos nenhuma publicação apoiada pela FCT, essa foi a única! E desbaratámo-la... fez-me impressão, e a muita gente de outras escolas. Aquilo não era uma publicação académica, essa era a diferença, por exemplo, da

equipa do Steve Stoer e Luiza Cortesão, eles faziam trabalhos vincadamente académicos (ainda que de investigação-ação). Tinham os mestrados, os doutoramentos, e, por isso, faziam trabalhos de outra índole. Nós fazíamos aquilo que eles, de facto, não faziam que era dar ideias, dar materiais aos professores dizendo aqui têm coisas para trabalhar a diversidade.

A nossa a publicação, e não conheci outra igual, foi uma experiência muito gratificante. E como eu gosto muito da atividade editorial, foi disso que mais gostei. Depois foi o livro, um dos primeiros que se publicou, em Portugal, sobre a temática. Na altura teve muito impacto, esgotou rapidamente - “Multiculturalidade & Educação”- aquilo esgotou em três tempos! Depois o editor pediu-me para fazer um segundo. Escrevi mais uns textos, mas já não havia apetência, desliguei! Foi uma área que me deu muito gosto fazer. Muito gosto mesmo!

Se me perguntares o que mais gostei de fazer aqui na escola, se calhar foi isso... (RISOS)... as coisas ligadas a essa área. Mais do que presidir ao Conselho Diretivo, de certeza absoluta!

**APS** Agora, para finalizar, gostava de te perguntar se conheces, em termos dos nossos ex-estudantes, algum caso em que tenham desenvolvido projetos nesta temática, na sala de aula, nas escolas.

**LS** Sim, sim! Olha, por exemplo, uma editora pediu-nos para lhes indicarmos possíveis autores de manuais do 1º ciclo (Estudo do Meio). Indicámos ex-estudantes e dei comigo a pensar, as duas pessoas que estou a indicar são ex-estudantes do 1º curso do PRI. Engraçado não é?

Mas porque é que foram aqueles? A seguir ao bacharelato vieram frequentar o primeiro CESE, voltaram, portanto, a ser nossos estudantes. E, depois quando foram fazer o mestrado acabaram por nos vir pedir apoio, por exemplo, na construção de instrumentos de recolha de dados para a tese, etc.

Outro que tinha trabalhado aqui connosco as propostas de Kieran Egan, voltei mais tarde a contactá-lo para vir dar essa matéria numa das aulas do Pri. Esses foram estudantes que mantiveram alguma ligação connosco. Eram excelentes estudantes, e são excelentes profissionais, fizeram os seus CESE (s), os seus mestrados e sei que muitos deles levaram este “bichinho” do multicultural. Nós, infelizmente, não os acompanhamos muito, depois do curso

concluído. Algumas vezes, pessoas que entraram pelos maiores de 23, e que trabalham como auxiliares de ação educativa, dizem-nos que ex-estudantes nossos estão nas suas escolas. E as referências que nos trazem é sobre as áreas de Educação Multicultural. Como sabes, aqui na ESE, nem todos os estudantes eram obrigados a fazer trabalhos nessa temática, não é? Defendemos sempre a lógica de que os estudantes escolheriam os temas de que gostassem de trabalhar, não era? Os que optaram por fazer trabalhos sobre educação multicultural, e se gostaram... estou convencido que muitos deles continuaram a aprofundar o tema no seu percurso profissional.

**Ana Pires Sequeira**, Doutora em Educação, especialidade em formação de professores, Mestre em Educação Intercultural. Professora adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.